

## Uma análise possível: racismo e sua interface com Cântico dos Cânticos 1,5

A possible analysis: racism and its interface with Canticle of Songs 1.5

Maria Ciurinha Pereira dos Santos<sup>1</sup>

### Resumo:

Apresenta-se como título de estudo, uma análise possível: racismo e sua interface com Cântico dos Cânticos 1,5 - “*Sou negra, mas formosa, ó filhas de Jerusalém, como as tendas de Cedar e os pavilhões de Salma*”. O presente artigo tem como objetivo analisar o racismo a partir da perícopes de Ct 1,5. A metodologia para o desenvolvimento da pesquisa é a é a qualitativa, bem como a bibliográfica. O problema norteador por que as dimensões econômicas, sociais, políticas, históricas, culturais e espirituais, são determinantes da vida cotidiana da mulher negra e bela? Como hipótese acredita-se que a mulher negra, apresenta limitações, em vários aspectos, inclusive espiritual/religioso dentre outros, presentes nas desigualdades. Justifica-se e entende-se que o artigo irá possibilitar e demarcar a interpretação e reflexão sobre o racismo contra mulher negra, junto ao texto 1,5 de Cânticos dos Cânticos, por meio de uma análise crítica interpretativa subsidiar mudanças histórica e saberes para outras/os. Diante disso, esta produção aponta-se sobre a mulher negra no mercado de trabalho, análise do Cântico dos Cânticos e a hermenêutica negra, e por último sou mulher negra e bela. Que se embasou teoricamente em análises de estudiosas/os como: Silva (2021), Silva (2020), Reimer (2019), Carneiro (2003), Eurico (2018) Gomes (2017), Ianni (2004), Alves (2020), Fernandes (2007), Caldeira (2013), Leloup (2005, 2019), que se denotam proposições e afirmam a importância da fundamentação teórica ancorada nestas/es autoras/es, no processo de produção conhecimento.

**Palavras-chaves:** Formosa; Cânticos; Racismo; Negra; Mercado de Trabalho.

**Abstract:** A possible analysis is presented as a study title: racism and its interface with Song of Songs 1.5 - “I am black, but beautiful, O daughters of Jerusalem, like the tents of Cedar and the pavilions of Salma”. The present communication aims to analyze racism from the pericope of Ct 1,5. The methodology for the development of the research is qualitative, as well as bibliographic. The guiding problem, why are the economic, social, political, historical, cultural and spiritual dimensions determinants of the daily life of the black and beautiful woman? As a hypothesis, it is believed that the black woman has limitations in several aspects, including spiritual/religious among others, present in inequalities. It is justified and understood that communication will enable and demarcate the interpretation and reflection on racism against black women, together with text 1.5 of Cânticos dos Cânticos, through a critical interpretative analysis to subsidize historical changes and knowledge for others. /you. Therefore, this oral

---

Mestra em Serviço Social pela PUC Goiás. E-mail: [ciurinha@yahoo.com.br](mailto:ciurinha@yahoo.com.br) /[ciurinha@gmail.com](mailto:ciurinha@gmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8917-3105> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8268114683206890>

communication focuses on the black woman in the job market, analysis of the Song of Songs and the black hermeneutics, and finally I am a black and beautiful woman. Which was theoretically based on analyzes by scholars such as: Silva (2021), Silva (2020), Reimer (2019), Carneiro (2003), Eurico (2018) Gomes (2017), Ianni (2004), Alves (2020), Fernandes (2007), Caldeira (2013), Leloup (2005, 2019), which denote propositions and affirm the importance of the theoretical foundation anchored in these authors, in the knowledge production process.

**Keywords:** Formosa. Songs. Racism. Black. Job market

## INTRODUÇÃO

Para desvelar o raciocínio deste artigo que é resultante das discussões da disciplina Hermeneuticas Ecofeminista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião/Doutorado - PUC Goiás, com o título “uma análise possível: a mulher negra e a interfase com Cântico dos Cânticos, 1,5” - “*Sou negra, mas formosa, ó filhas de Jerusalém, como as tendas de Cedar e os pavilhões de Salma*”. Objetivou-se analisar o racismo a partir da perícopes de Ct 1,5. A metodologia à pesquisa qualitativa na importância de suscitar a pesquisa bibliográfica na condição de registro de uma história viva, que remete a artigos, livros dissertações e teses, no processo de construção do conhecimento.

Como hipótese acredita-se que a mulher negra apresenta limitações, especialmente, devido as desigualdades sociais. A indagação, ou seja, o problema proposto é entender as dimensões nos aspectos econômicos, sociais, políticos, históricos, culturais e espirituais, como determinantes da vida cotidiana da mulher negra e bela? E os resultados foram alcançados por meio do estudo concluído.

Este artigo justifica-se e entende-se que irá possibilitar e demarcar a interpretação e reflexão sobre o racismo contra mulher negra, junto ao texto 1,5 de Cânticos dos Cânticos, será feito uma análise crítica interpretativa. E ainda espera-se corroborar com o entendimento da relevância desta discussão no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, romper com a desigualdade e discriminação presente no âmbito acadêmico como também subsidiar mudanças histórica e saberes para outras/os/es na sociedade brasileira de modo geral.

Diante disso, este artigo apresenta-se a discussão sobre a mulher negra no mercado de trabalho, análise do Cântico dos Cânticos e a hermenêutica negra, e por último sou mulher negra e bela. Que se embasou teoricamente em análises de estudiosas/os como: Silva (2021), Silva (2020), Reimer (2019), Carneiro (2003), Eurico (2018) Gomes (2017), Ianni (2004), Alves (2020), Fernandes (2007), Caldeira (2013), Leloup (2005, 2019), que se denotam proposições e afirmam a importância da fundamentação teórica ancorada nestas/es autoras/es.

## 1. A mulher negra no mercado de trabalho

Antes de adentrarmos a essa análise é preciso atentar para as determinações históricas, que incisivamente, Silva (2020, p. 159), afirma que “o conjunto dos escravos foram transportados dos países africanos para o território brasileiro não formavam um grupo homogêneo. Os negros tinham suas crenças, famílias, culturas, etnias e religiões”. Nesta direção, a mesma autora destaca “que o cotidiano das mulheres negras foi determinado pelos senhores escravocratas ou pelos feitores” (p.165).

Percebe-se no rol das expressões das desigualdades sociais, que requer estudos e resistência e luta, que representa uma das exigências prementes na atualidade por serviços e ações direcionados e que se fez necessário à garantia desse estudo devido aos desafios atualmente existentes de que o racismo estrutural e institucional, em que pessoas negras são discriminadas, ou seja, as vezes não são e nem vistas e que ancora-se em determinações espirituais, históricas, econômicas, políticas, éticas, sociais, jurídicas e culturais.

Assim é preciso apreendê-lo a partir do seu processo histórico envolvendo, ainda as suas múltiplas determinações relacionadas com a realidade na sociedade contemporânea brasileira. É certo que demarcar essa discussão é fazer história e impactar as atuais transformações.

“às agressões ‘dos homens’ na busca por construir relações de igualdade, de pacificação e de preservação da natureza. A tendência espiritualista elabora argumentos para mostrar que o desenvolvimento de

ciências e tecnologias gerou simultaneamente processos de violência contra a mulher e o meio ambiente/ecossistema. Ela se mobiliza para lutar contra a dominação, o antropocentrismo, o racismo, o sexismo e o elitismo etc. (REINER, 2019, p.130).

Nessa perspectiva, é relevante ainda destacar que os determinantes sexismo, o racismo e a pobreza reprimem as mulheres negras

às piores condições de vida e dificuldades de acesso aos serviços e direitos sociais, forjando experiências de vida cotidiana marcadas pela multiplicidade de violências sobrepostas reificação e objetificação das relações de trabalho, além das violências produzidas pelas forças de segurança do Estado, do crime organizado e das milícias (SILVA, 2020, p. 100).

Por essas condições, considera-se que, na história brasileira, existem marcas da ciência na construção do racismo. No entanto, os conhecimentos científicos e tecnológicos, apreendidos, inscritos e compreendidos em suas múltiplas causalidades bem como, as tradições coloniais em sua múltipla funcionalidade silenciaram as naturezas das concepções e expressões que se materializam nos determinantes da ciência e da tecnologia, relacionadas com as linguagens de povos originários, no ensino de ciências determinados e determinantes formações discursivas em interlocução com outras formas e conteúdo e intervenção, na ciência e na tecnologia.

No que tange, as expressões de racismo estrutural, recreativo, institucional, naturalizado, sutil, na história do Brasil é de violência e sangue. Que, historicamente as pessoas assassinadas a cada ano no Brasil são pretas e pobres é com isso tem se aumentado a taxa de homicídio. Sendo, que tem uma luta calcada em uma democracia racial, em que o racismo é difundido de forma sutil ou não.

Ressalte-se que o racismo representa um conjunto de ideias, pensamentos e ações que partem do pressuposto da existência de raças diferentes. Incide em uma atitude de depreciação, discriminação e preconceito. Sendo assim, se constitui de uma estrutura social em que a cor da pele se configura como fator determinante da negritude que estabelecem impedimentos no campo do acesso a todos direitos.

De acordo com Cordeiro (2003, p.120) a passagem pela questão política que procede dessa realidade do combate ao racismo, assim ele se reporta à

discriminação racial contradições e também regalias instituídas as “mulheres brancas seja tomado como elemento estrutural do ideário feminista; um imperativo ético e político que reflita os anseios coletivos da luta feminista de representar as necessidades e os interesses do conjunto de mulheres” (CORDEIRO, 2003, 121).

Neste contexto, o racismo reedita historicamente a desigualdade, discriminação, desconhecimento da ancestralidade, tradição, em que os jovens negros da periferia e do campo são os mais afetados na escolaridade com o desemprego e com a violência.

O racismo no Brasil ocorre na manutenção da estrutura social e pela naturalização da discriminação, desta forma cabe aqui fazer uma análise mais aprofundada sobre o racismo estruturante das relações socialmente estabelecida, que se submetem a piadas, termos, frases, brincadeiras, palavras e expressões racistas, que cotidianamente falamos ou ouvimos falar e que são expressas no cotidiano.

Tal modo de ser e como se expressam: “Cor de pele”; “Claro”; “Você tem uma beleza exótica.”; “Para uma negra, até que você é bonita.” Ou “Você é uma negra bonita.”; “Você deve ser um furacão na cama.”; “Você é uma mulata tipo exportação.”; “Você é uma negra bonita, tem os traços finos e delicados.”; “Nossa, seu cabelo é macio, achei que era duro”; “Você é tão bonzinho, um negro de alma branca e pura”; “Moreninha da cor do pecado”; “Seu cabelo é tão estiloso, tá na moda”; “Aposto que você samba como ninguém”; “Mulata (o)”; “Denegrir”; “serviço de preto”, “lista negra”, “magia negra”, “ovelha negra”, “mercado negro”, “samba do crioulo doido” (a bagunça, a desordem); “a coisa tá preta” (a situação ruim); “não sou tuas negas”; “Moreno(a)”; “embranquecimento”; “Inveja branca”, “cabelo ruim”, “hoje é dia de branco”, “samba do crioulo doido”, “isso é coisa de preto”, dentre outras.

Dessa forma isso corrobora para a perpetuação do racismo e da discriminação apesar dos avanços, que a lei 1.716/1989 (BRASIL, 1989), que afirma ser inafiançável e não prescreve, pois, a condenação perdura por diversos anos posteriores. O preconceito racial encontra-se arraigado na formação pessoal, escolar, profissional, histórica, étnica, religiosa, social,

política, cultural e mercado de trabalho.

Destarte, vale tecer algumas análises e reflexões acerca das mulheres negras que enfrentam distintos empecilhos na relação ao acesso e permanência ao trabalho formal e de remuneração desigual, em comparação aos homens e mulheres brancas. Sendo assim, as mulheres negras brasileiras que em boa parte compõe um número significativo “de trabalhadores em postos de trabalho considerados pelos especialistas os mais vulneráveis do mercado, ou seja, os trabalhadores sem carteira assinada, os autônomos, os trabalhadores familiares e os empregados domésticos (SILVA, 2020, p.100).

Diante de tudo o que foi exposto, compreende-se que mesmo com uma nitidez explícita, que os maiores números de famílias no Brasil são sustentados pela maioria das mulheres negras que vivem em condições precárias de educação, saúde dentre outras,

que moram em favelas e periferias no Brasil, é negra, bem como a maioria das que trabalham. No conjunto da população trabalhadora, a mulher negra figura o contingente mais explorado e oprimido: compõe o quadro de terceirizados e quarteirizados no mercado de trabalho, recebendo, em média, menos de dois salários-mínimos por mês. (SILVA, 2020, p. 99).

Neste contexto, as mulheres negras têm uma luta constante para que possa sobreviver devido as desigualdades no acesso as políticas sociais, sobretudo,

as mulheres que trabalham em média mais horas por semana, considerando a dupla jornada de trabalho. São as mulheres que começam a trabalhar mais cedo. O aumento da contribuição previdenciária dos trabalhadores domésticos de 15 para 25 anos atinge especialmente as mulheres negras, pois a maior parte dos (as) trabalhadores (as) domésticos (as) é composta por mulheres, na sua maioria negras (SILVA, 2020, p.100).

Nesse sentido, nas instituições estatais e privadas evidenciam atos de racismo institucional que,

---

<sup>2</sup>

o trabalho no Brasil, apesar de importantes momentos de radicalização, esteve atravessado pelas marcas do escravismo, pela informalidade e pela fragmentação / cooptação e que as classes dominantes nunca tiveram compromissos democráticos e redistributivo, tem-se um cenário complexo para as lutas em defesa dos direitos de cidadania que envolvem a constituição da política social (BEHRING e BOSCHETTI, 2008, p.79).

perpassa as diversas relações sociais, mas não pode ser atribuído ao indivíduo isoladamente. Ele se expressa no acesso à escola ao mercado de trabalho, na criação e implementação de políticas públicas que desconsideram as especificidades raciais e na reprodução de práticas discriminatórias arraigadas nas instituições (EURICO, 2013, p. 299).

Essa expansão comandada o racismo institucional que é visto como uma ideologia expressa e particularizada que representa as pessoas, ou grupos raciais e étnicos, em situação de desvantagem quanto ao acesso à informação, aos benefícios e às políticas implantadas e implementadas pelo Estado brasileiro e ainda impede o pleno exercício da cidadania e da dignidade com isso é preciso ressaltar a importância de repugnar o racismo. Assim, acredita que o racismo institucionalizado e estrutural em conjunturas, que expõem sobre a questão racial no país, que

desvela a sua construção no contexto das relações de poder, rompendo com visões distorcidas, negativas e naturalizadas sobre os negros, sua história, cultura, práticas e conhecimentos; retira a população negra do lugar da suposta inferioridade racial pregada pelo racismo e interpreta afirmativamente a raça como construção social; coloca em xeque o mito da democracia racial (GOMES, 2017, p. 22).

Neste contexto, ressalta-se que o racismo representa um conjunto de ideias, pensamentos e ações que partem do pressuposto da existência de raças. Que incide na atitude de depreciação, discriminação. Sendo assim, se constitui da estrutura social em que a cor da pele se configura como fator determinante da negritude. Entende-se que um dos princípios motores que propaga ao considerá-lo como neutralizador, e reedita a desigualdade, discriminação, desconhecimento da ancestralidade.

No entanto, é preciso reafirmar que, diante disto, é necessário lutar contra a opressão consubstanciada como a de gênero, de sexualidade e de classe, imbricadas na trajetória do capitalismo. Lutar por tudo isso, e por uma nova ordem societária, é lutar contra esse sistema de opressão estruturante e estrutural, que configura e reconfigura as relações sociais e de produção.

O processo de desenvolvimento capitalista no Brasil e essa transição do trabalho, não possibilitou às pessoas negras o acesso

ao proletariado, daí tem-se outro agravante que é a lei de oferta e da procura, caracterizada por decisões racializadas e hierárquicas de poder econômico. O negro foi preterido, em benefício do imigrante. Assim, é o negro que formará o exército dos desocupados, dos sem-trabalho. Como a oferta de braços era maior que a procura, situação criada deliberadamente com a política oficial e privada de imigração, o negro viu-se à margem das atividades produtivas. No jogo dos excedentes, cabia-lhe a pior posição (IANNI, 2004).

Assim, registra-se o escravismo mercantil explícito e tardio que apresenta uma constituição no formato estruturado ao constituir as afinidades e organização do trabalho na sociedade brasileira e “que o modo de produção escravista não se desenvolveu de forma acidental nas relações de produção (internas e externas) e da acumulação de capital (ALVES, 2020, p. 29).

Por isso, o racismo silencia, mata e extermina. Ao evidenciar que no “olho do furacão”, e no interior das contradições do sistema,

as mulheres negras recebem as maiores e mais incisivas repercussões da barbárie contemporânea, expressa na vida cotidiana de milhões de trabalhadoras e trabalhadores das cidades e suas periferias. Os mais diversos indicadores sociais exemplificam essas disparidades, expressas também no enfrentamento cotidiano das consequências diretas dessas desigualdades. (SILVA, 2020, p.97).

Portanto, ainda urge buscar caminhos em todas as dimensões fincadas na importância da sustentação legítima de suas atribuições, diferenças e contradições. E que se torna fundamental entender que

o combate ao racismo, ao preconceito e à discriminação étnico-racial exige, na mesma medida, o combate à sociedade de classes, à desigualdade de gênero, bem como o respeito à diversidade sexual, entre outras garantias individuais cotidianamente violadas. O debate está posto e cabe às (aos) profissionais se engajarem na luta contra todas as formas de exploração/opressão, caminho indispensável rumo à efetivação do projeto ético-político profissional do Serviço Social, explicitado no Código de Ética de 1993, que dentre seus princípios reconhece a liberdade como valor ético central, propõe a defesa intransigente dos direitos humanos, o empenho na eliminação de todas as formas de preconceito e a não discriminação como princípios éticos fundamentais (EURICO, 2018, p. 528).

Historicamente pensar no combate ao racismo cotidianamente, é pensar também na liberdade na sua negritude, formosura, ou seja, na beleza como trata o texto em análise. Tendo em vista, a luta histórica e política.

## 2. Uma análise do Cântico dos Cânticos 1,5 e a hermenêutica negra

A Bíblia recomendada unidade cristã como sagrada estrutura em 66 livros, sendo 39 do Antigo e 27 do Novo Testamento. Diante da contextualização exposta, o Cântico dos Cânticos compreende assim, a uma formatação com a tradição judaica e cristã, e sua autoria vincula-se ao pensamento monarca de Salomão.

Para Leloup (2019), ele destaca que o Cântico dos Cânticos é um poema extenso com a estrutura de 117 versículos, faz parte de alguns livros que, dão sequência a Tora e aos Profetas, que constituem a Bíblia Sagrada, ou seja, os escritos da sabedoria sendo eles: Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Ester, Daniel, Jó, Rute, Neemias dentre outro. Sendo assim, este livro tem uma representação de tudo aquilo que é e o que virá a ser. Ele ainda, forma a coroa do Rei da Paz.

Fernandes (2007), destaca que: “Cântico dos Cânticos no hebraico é o recurso gramatical do superlativo”, o mais belo cântico” (p. 913). “O Cântico não foi escrito como uma alegoria. No sentido histórico literal refere-se ao amor entre os humanos” (p. 915) “O Cântico apresenta-nos um modelo bíblico da intimidade humana” (p. 916).

Assim, Caldeira (2013) acredita que diante da constatação, das últimas décadas, por meio do aumento da pesquisa bíblica, em que sofreu a autoria salomônica vários questionamentos por que o livro ao qual se encontra o texto em análise é

um livro que pertence aos escritos do primeiro Testamento. Esse livro, que, na verdade, é uma coletânea de pequenos poemas eróticos, constitui evidência de que havia, no antigo Israel, uma cultura feminina de poesias baseada em uma tradição oral. (p.1190).

Essa mesma autora prossegue sua análise dizendo que é importante “interpretar na experiência de contribuir para o resgate da negritude no mundo bíblico, concomitantemente assumindo a pluralidade de culturas implícitas na experiência do antigo Israel, e, assim, ajudar na reconstrução da identidade afro-feminista” (CALDEIRA, 2013, p. 1191). Ou seja, ela ressalta-se que a

identidade afro-feminista está em processo de construção. Nesse processo considera-se que essa configuração está calcada na construção do Brasil como centro, de sua consolidação de uma sociedade brasileira escravocrata. Além disso, Caldeira (2013) salienta que,

a sociedade escravocrata, na qual o Brasil se formou, colocou as mulheres negras na posição de subalternas. Essa relação foi construída com a legitimação da Bíblia, a partir de traduções e interpretações de cunho eurocêntrico, sobre tudo no período colonial. É importante ressaltar que, em momento algum, a Bíblia foi neutra diante da escravidão, antes serviu como “ferro em brasa” e “algemas” que aprisionavam negras e negros no “doce inferno” do engenho de açúcar (p. 1192).

Entretanto, conforme enfatizado pela autora acima, ela destaca que, “a sociedade escravocrata tentou destruir a identidade do povo negro por meio de ideologias racistas, sexistas e classistas e usava os textos bíblicos para legitimar tais ideologias” (CALDEIRA, 2013, p. 1191).

Caldeira (2013) discorre ainda que no decorrer de seus estudos, evidenciou que apesar do número de livros que contém a Bíblia dentro do Cântico dos Cânticos, é destacado o poema sobre a mulher negra, registrado no capítulo 1 e versículos 5 e 6. Afirma ainda que é, uma preciosidade ao se tratar de textos bíblicos que traz alusão nítida sobre a mulher negra.

Por isso é necessário que a constatação em Cântico dos Cânticos 1,5, que reflete a situação de retirar a mulher negra da invisibilidade que a reprimiu. Assim, é alusivo à dimensão do desafio e possibilidades da evidência de desmascarar as interpretações e considera-se e a reinterpretação do relato bíblico, no ponto de vista da população negra, nessa configuração que é calcada, na mulher negra.

Outra situação apontada nesta análise refere-se a qual, encontra na hermenêutica da realidade negra, que a respeito disso, registra-se algumas ponderações para compreender a negritude no texto bíblico já mencionando requer a compreendê-la como análise de classe, luta contra o racismo e ainda como identidade”.

Diante do exposto, é evidente que a população negra para Caldeira (2013), vem acontecendo avanços significativos a respeito da experiência de

dor, negação, discriminação que ao configurar-se na aproximação com a Bíblia, acredita-se na potencialidade como um dos mananciais de possibilidades e conquistas de regozijo, prazer, dentre outros.

Assim, o pensamento e conhecimento teológico deve ser a partir de qualquer pessoa, não interessa a sua cor de pele. Em consonância com o experimento real do povo negro discriminado e segregado. Perante a “Teologia branca, eurocêntrica, que legitimava o sistema de escravidão americano, a Teologia Negra emergiu para fazer cultivar a esperança de sobrevivência e a emancipação do racismo branco como para o negro” (CALDEIRA, 2013, p. 1192).

A afirmação de Caldeira (2013) também ressalta que o quanto, “fazia se necessário assumir que a grande raiz da pobreza e marginalização era a questão étnica. “[...] é a partir da constatação de que a discriminação racial é o fator determinante para a situação do povo oprimido” (CALDEIRA, 2013, p. 1192).

Conforme apregoa Caldeira (2013) sobre a população negra, percebe o valor da sua existência concomitantemente, cada pessoa negra toma o seu lugar de fala e de resistência de forma consciente da sua negritude e da importância do seu papel nesta sociedade racista.

No entanto percebe-se que a hermenêutica compreende que é necessário desmascarar a pretensa neutralidade histórica, política, econômica, social, ética, religiosa, cultural bem como o resgate da mulher negra e da qualidade a qual foi reprimida pelo imaginário da religiosidade, constituído por uma interpretação branca androcentrica. E que expressivamente o poema do Cântico dos Cânticos 1.5, “*Sou negra, mas formosa*”, evidencia o enfrentamento ao racismo, apesar dos entraves e da neutralidade contextual da Bíblia.

No entanto, as traduções e comentários, como será apresentado a seguir, estão explícitos de ideologias que cogitam e materializa em uma sociedade racista e, conseqüentemente, entende-se por meio da descrição do poema do Cântico dos Cânticos 1, 5 é conivente as possibilidade de enfrentamento no sentido de agregar e apreender os meandros do racismo na conjuntura bíblica como também social, política, econômica, ético, cultural e

histórica, nos tempos passados e presentes, ou seja, bem como resistir lutas antirracistas e coletivas a vida da mulher negra.

Mesmo em tempos temerários e bravios carregados de violações intensas dos direitos de negras e negros, nos remete a pensar no passado para conduzir o presente, sendo que a população brasileira é muito mais africana do que europeia, que tem sustentação na arte, cultura, linguagem, religiosidade e outras mesmo com as cicatrizes marcadas pela dor, violência, lágrimas, sangue e a própria vida.

A natureza do mundo feminino no Cântico dos Cânticos não se sintetiza a uma excepcional figura feminina. A participação feminina é conduzida pelas mulheres que propagam inteiramente seu afeto. Unido a estas partícipes fundamentais está a coparticipação de outros desenhos femininos que se expõem em duas configurações: as que observam o amor e o celebram (filhas de Jerusalém ou Sião) e as mães.

Desta maneira, em consonância com o texto bíblico, reafirma-se a necessidade de entender sobre a mulher negra e bela, para vislumbrar essa beleza, por meio dessa análise, de caráter sucinta;

### 3. Sou mulher negra e bela

A Bíblia Jerusalém (2020, p. 1089) ao destacar, no seu capítulo 1 e verso 5,

*“Sou morena, mas formosa, ó filhas de Jerusalém, como as tendas de Cedar e os pavilhões de Salma”*. Já Leloup (2019), destaca, -*“Sou negra, no entanto, sou bela, filhas de Jerusalém”*. Para tanto, incisivamente, o autor afirma que,

a palavra “negra” aqui não se refere a uma raça ou a uma cor de pele, mas a um estado de ser no qual confessamos nossas sobras íntimas, nossa tristeza recorrente, nosso desespero oculto, nossa evanescência- “lama da lama” (Qohelet); eu não sou nem um pouco amável e, no entanto, “eu sou bela” (LELOUP, 2019, p. 60).

Na análise de Leloup (2019), as filhas de Jerusalém são chamadas como testemunhas, se não nos escondemos perante do nosso Senhor, se

existe certeza em seu afeto, podemos ser nós próprios do mesmo modo que a beleza e nossa essência.

“Eu não temo nada quando tenho certeza de ti”. Eu sou negra, eu sou bela, obscura e luminosa, à imagem desse obscuro e luminoso silêncio de onde vem e para onde vai tudo aquilo que vive e respira, “como as tendas de Quedar”, as tendas dos beduínos, queimados, escurecidos pelo sol e pelos ventos, como os véus de Salomão”; esses véus que envolviam a tenda de Salomão, esses estandartes enrubescidos e claros. Não há relação com a “negritude loura” dos sulrealistas que serviam de divertimento ao rei” (LELOUP, p. 60, 2019).

Todavia, ainda na perspectiva de Caldeira (2013), em sua análise traduz que

primeira questão em torno de Ct 1.5-6 é a propensão de ratificar a ideologia que opõe, como algo “natural”, negritude e beleza. Essa tendência tem como objetivo estabelecer a estratificação social e, conseqüentemente, a legitimação da escravidão de povos negros. Em outras palavras, esse é o “fruto amargo”, que ainda se prova, dos regimes imperialistas e colonialistas. [...] “preta sou, mas bela”, o que contrapõe negritude e beleza, ou seja, apesar de preta é bela. Essa é, com efeito, leitura etnocêntrica, pois coloca o branco como categoria de beleza. Portanto, a tradução aqui proposta, “Negra eu sou e (sou) bela”, é uma forma que permite conjugar, naturalmente, negritude e beleza. Ser negra é muito mais do que ter a pele preta. É assumir-se como sujeito de seu próprio destino; é ter consciência da história de negação a que foi submetido o povo negro; é engajar-se politicamente na busca de transformação social; é gostar do próprio corpo e de sua própria história (p. 1194 -1195).

Nessa perspectiva, a mulher negra vive intensamente sofrendo racismo na educação, saúde, habitação, judiciário, empresarial, matrimonial, mercado de trabalho, religioso, trânsito, shops, enfim, em todos os espaços e em suas trajetórias, ou seja, o racismo é estrutural.

Nesse sentido, tudo que é ruim, feio, mal feito dentre outros é direcionado a pessoa preta e que é consubstanciado por meio de discriminações, acusações, desprezos, eliminações aos poucos e até mesmo a morte, tudo devido a cor da pele e de seus cabelos.

Neste contexto, Caldeira (2013), defende como imprescindível que,

a mulher negra, nessa perspectiva, não pode ser bonita devido à sua cor, e sua beleza só é possível por meio da penitência e da fé. A negritude está ligada à ideia de pecado. Desse modo, Deus não poderia ter criado essa ‘raça’; sua cor é acidental pelo pecado. A

interpretação patrística de Ct 1.5-6 tem servido para condenar o erotismo, a sensualidade e a beleza do corpo de mulher negra, ou seja, para justificação de ideologias sexistas, classistas e racistas (p. 1200).

A negritude seja um sinal de beleza é apresentado nos textos bíblicos, sobre a mulher negra. Neste sentido, é relevante ao demarcar que Quedar e Salma são duas tribos árabes,

há um grande silêncio em relação à origem dessas tribos e o que elas têm a ver com a história do antigo Israel. Quedar, significa ser escuro, negro, moreno. Ambas as tribos viviam em tendas feitas de pele de cabra preta. Assim, a primeira identificação com Quedar e Salma está na imagem evocada da cor preta da pele de cabra. Quedar e Salma são uma forte evidência dessa participação ativa e constante de povos afro-asiáticos na formação e autocompreensão do antigo Israel. Quedar e Salma descendem de Ismael, o pai de uma grande nação, os povos árabes (segundo a tradição). Tanto Salma quanto Quedar remontam a uma mesma genealogia, ou seja, eles descendem de Ismael que, por sua vez, descende de Hagar, a escrava egípcia que foi expulsa da família de Abraão (CALDEIRA, 2013, p. 1203 e 1205).

Contudo o artigo proposto com base no texto destacado remete uma discussão densa, do racismo com também, perpassou pela análise da interface com Cântico dos Cânticos 1,5.

### **Considerações Finais**

O racismo permeado pelo embasamento ontológico da formação social da mulher negra brasileira, ligado a origem do capitalismo com suas bases cobertas de sofrimento, angústia, desespero, sangue e até mesmo a morte da população negra sem perder de vista a população indígena, haja vista que não é objeto de estudo desse artigo. Para tanto lutar contra as desigualdades provocadas pelo racismo, dentre elas a falta de trabalho é lutar na contramão de um preceito, ou seja, sistema estrutural e estruturante que tem destruído vozes, afetos e vidas da população preta.

A análise do poema 1,5 do Cântico dos Cânticos tem uma sustentação na perspectiva de enfrentamento a desigualdade, social, política, étnica, econômica, cultural, religiosa e histórica, representa resistência nos desafios e

possibilidades da conquista do acesso e emancipação da mulher negra brasileira. Em especial no contexto teológico e, de tal modo, fortalecer a presença da mulher negra na concretude do mundo bíblico. Portanto o texto do Cântico dos Cânticos 1,5 possibilita articular o protagonismo da mulher negra neste espaço. Por fim, a análise versou pontos significativos nesta reflexão.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Leonardo Dias. *SERVIÇO SOCIAL E QUESTÃO RACIAL: tensionamentos e disputas no processo de formação acadêmico-profissional*. Dissertação – PPGPS do Departamento de Serviço Social da Universidade de Brasília – UnB: 2020.

BEHRING Elaine Rossetti; BOSCHETTI, Ivanete. *Política social: fundamentos e história*. São Paulo: Cortez 2008. (Biblioteca básica de Serviço Social).  
BÍBLIA DE JERUSALÉM. Edição em língua portuguesa. Nova edição, revista e ampliada. 1ª edição. 14ª reimpressão, 2020. Editora-PAULUS-2002.

BÍBLIA. *Velho Testamento e Novo Testamento*. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Corrigida. 2ª edição

CALDEIRA, Cleusa. *Hermenêutica Negra Feminista: um ensaio de interpretação de um ensaio de interpretação de Cântico dos Cânticos 1.5*. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Estudos Feministas, Florianópolis, 21(3): 496, setembro-dezembro/2013. <https://www.scielo.br/j/ref/a/v9Zjmt8XzN8DmFSyZCcNsKg/abstract/?lang=pt>. Acesso em 30/10/2021.

CARNEIRO, Sueli. “Mulheres em movimento”. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-132, set./dez. de 2003.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 19 julho, 2023.

BRASIL. Lei 1.716/1989. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l7716.htm#:~:text=L7716&text=LEI%20N%C2%BA%207.716%2C%20DE%205%20DE%20JANEIRO%20DE%201989.&text=Define%20os%20crimes%20resultantes%20de%20preconceito%20de%20ra%C3%A7a%20ou%20de%20cor](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm#:~:text=L7716&text=LEI%20N%C2%BA%207.716%2C%20DE%205%20DE%20JANEIRO%20DE%201989.&text=Define%20os%20crimes%20resultantes%20de%20preconceito%20de%20ra%C3%A7a%20ou%20de%20cor). Acesso em: 19 julho, 2023.

EURICO, Márcia Campos. *Preta, preta, pretinha: o racismo institucional no cotidiano de crianças e adolescentes negras (os) acolhidos (as)*. São Paulo:

2018, Tese – PUC SP.

GOMES, Nilma Lino. *O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

IANNI, Octávio. *Raças e classes sociais no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

LELOUP, Jean – Yves. *O Cântico dos Cânticos: a sabedoria do amor: (nova tradução e interpretação) /Jean-Yves Leloup; tradução de Karin Andrea de Guise-Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.*

FERNANDES, Celso Eronides. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento*. / Trad. Celso Eronides Fernandes. - São Paulo : Ed. Academia Cristã Ltda; Paulus, 2007.

PINTO, Elisabete Aparecida. *O Serviço Social e a Questão étnico-racial: (um estudo de sua relação com usuários negros)*. São Paulo: Terceira Margem, 2003.

REIMER, Richter Ivoni. *As Teologias Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento*. / Trad. Celso Eronides Fernandes. - São Paulo: Ed. Academia Cristã Ltda; Paulus, 2007. e *Práticas Políticas dos Movimentos (Eco)Feministas*. *Caminhos*, Goiânia, v. 17 (Especial), p. 120-137, 2019. <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/7489/4272>

SILVA, Rosemary Francisca Neves. *O Servo de Yhwh solidário com o povo: escravo da Babilônia/ Rosemary Francisca Neves – ed. – Curitiba: Brazil Publishing.2020.*

SILVA, Eliana Pereira da. *A mulher negra e pobre no olho da barbárie: In: Marxismo e questão étnico-racial: desafios contemporâneos / Maria Beatriz Costa Abramides (org.) - São Paulo: EDUC, 2021.*

SOUZA, Rosana de. *Políticas públicas e ações afirmativas*. São Paulo: Selo Negro, 2009.

**Recebido em: 16/08/2022.**

**Aprovado em: 06/11/2022.**

**Publicado em: 10/11/2022**